

RESENHA

Sergio Perazzo
Psiquiatra, psicodramatista, professor-
supervisor didata da Sociedade de
Psicodrama de São Paulo, autor de diversos
livros e artigos de psicodrama.

SAMBADRAMA: THE ARENA OF BRAZILIAN PSYCHODRAMA

VÁRIOS AUTORES:

ZOLTÁN FIGUSCH (ORGANIZADOR), ANTONIO FERRARA, DALMIRO M. BUSTOS, GERALDO MASSARO, JOSÉ FONSECA, LUÍS ALTENFELDER, LUÍS FALIVENE R. ALVES, MARIA AMÁLIA FALLER VITALE, MOYSÉS AGUIAR, PEDRO MASCARENHAS, RONALDO PAMPLONA DA COSTA, ROSA CUKIER, SERGIO PERAZZO, SONIA MARMELSZTEJN, COM APRESENTAÇÃO DE ADAM BLATNER E JOSÉ FONSECA.

LONDRES E FILADÉLFIA: JKP (JESSICA KINGSLEY PUBLISHERS), 2006.

Não é possível falar deste livro sem fazer um breve histórico das publicações brasileiras de psicodrama e sem apresentar o organizador de Sambahdrama, Zoltán (Zoli) Figusch.

Indiscutivelmente, o Brasil é o país que mais publica textos de psicodrama. Os psicodramatistas brasileiros já publicaram nos últimos 25 anos mais de 100 livros e mais de 1000 artigos, produção essa até há pouco tempo desconhecida do resto do mundo. Hoje, a divulgação desta incrível criatividade brasileira vem sendo feita através de encontros e congressos internacionais, principalmente nos congressos ibero-americanos de psicodrama e nos congressos da IAGP (International Association of Group Psychotherapy).

No entanto, a barreira lingüística tem permanecido o obstáculo principal na divulgação desses trabalhos. Quem no mundo fala ou entende português? Não é falta de esforço nosso. Há várias décadas (sim, décadas) temos tentado traduzir nossos livros sem sucesso.

Fizemos inúmeros contatos sem qualquer retorno positivo. O mercado editorial americano é muito competitivo, por um lado. Por outro, na Argentina, numa época em que a inflação lá era muito alta e maior que a nossa, as editoras chegavam a enviar seus livros e revistas para impressão no Chile, o que ficava mais barato, não havendo lugar para a edição de livros brasileiros. No 1º Congresso Ibero-americano de Psicodrama, em 1997, na Espanha, levamos pacotes completos com catálogos de editoras brasileiras e cartas de apresentação para várias editoras espanholas, listando todos os livros brasileiros de psicodrama, pacotes esses que foram

entregues pessoalmente aos psicodramatistas espanhóis que dirigiam a Associação Espanhola de Psicodrama, que procuraram nos ajudar, mas que nada conseguiram. Os editores espanhóis temiam vender pouco (os psicodramatistas da Espanha não passavam de uns cento e poucos) e correr o risco de ter encalhados os livros. Tentamos o México e a resposta foi semelhante, apesar da boa vontade de nossos colegas estrangeiros, que até adotavam, na medida do possível, os nossos livros.

Enquanto isso acontecia, traduzimos e publicamos diversos livros de psicodramatistas tanto ibero-americanos quanto norte-americanos e até de um israelense. Chegamos até a realizar a proeza de publicar em português o dicionário de psicodrama de Menegazzo, Zuretti e Tomasini antes da publicação original em espanhol.

Quando articulávamos a publicação de um livro de autores brasileiros em espanhol, a ser escrito, com a intermediação do Mario Buchbinder, da Argentina, e do Jaime Winkler, do México, surgiu neste panorama o Zoli Figusch, que tinha sido aconselhado pelo Adam Blatner, um psicodramatista do Texas, autor de um *paper* sobre o psicodrama brasileiro, a focar a sua atenção na produção psicodramática brasileira.

Quem é Zoltán (Zoli) Figusch? Zoli é um psicodramatista húngaro que se formou em psicodrama pela The Northern School of Psychodrama, na Grã-Bretanha, que se casou com uma brasileira, Jussara, e veio morar no Brasil, onde viveu alguns anos (hoje Zoli mora novamente na Inglaterra).

Zoli encantou-se com o Brasil e, particularmente, com o psicodrama e com os psicodramatistas brasileiros. Era comum vermos Zoli participando dos atos psicodramáticos do Centro Cultural da Vergueiro, em São Paulo, ou do Daimon, de cursos, vivências e de nossos congressos. Como ele mesmo diz na introdução deste livro, ficava espantado com tamanha produção ser desconhecida fora do Brasil. Por tudo isso, foi sua iniciativa organizar Sambahdrama com textos de psicodramatistas brasileiros (Bustos é a exceção, mas podendo ser considerado brasileiro pela sua enorme participação no nosso psicodrama, praticamente como se fosse naturalizado) traduzidos para o inglês. Neste momento está no prelo o mesmo Sambahdrama, em versão para o espanhol e para o húngaro.

Zoli considera Sambahdrama uma pequena mostra dos trabalhos brasileiros já anteriormente publicados e confessa como foi difícil fazer uma seleção, inteiramente de sua iniciativa e escolha, tendo que deixar tantos textos e tantos autores fora desta edição. O psicodrama brasileiro sempre será grato ao Zoli, de coração, por este inestimável gesto de carinho e de reconhecimento, um primeiro passo na divulgação internacional escrita do nosso psicodrama.

Cabe um esclarecimento quanto ao título. Quando Sambahdrama foi publicado, alguns psicodramatistas brasileiros torceram o nariz. Sambahdrama? Este título desvaloriza o psicodrama brasileiro, dando a impressão de algo menor e pouco sério, protestaram indignados alguns colegas.

Zoli, na introdução do livro, explica muito bem a intenção do título. Trata-se de uma homenagem à criatividade dos psicodramatistas brasileiros. Para ele, vindo da Europa, o samba e o nosso carnaval representam

uma beleza deslumbrante, em que toda a nossa capacidade criativa está presente nas ruas, integrando toda uma população, todo um grupo, independentemente das diferenças sociais, numa festa de alegria, gravada que está até no epitáfio de Moreno.

Sambadrama é dividido em três partes. A primeira trata da história e identidade do psicodrama brasileiro, com capítulos a este respeito de Ronaldo Pamplona da Costa, de Sergio Perazzo, de José Fonseca e de Geraldo Massaro.

A segunda parte é reservada às inovações teóricas do psicodrama brasileiro, servindo como aperitivo e cartão de visitas para os psicodramatistas de língua inglesa e aos demais psicodramatistas estrangeiros com intimidade com o inglês.

Nela podemos encontrar tanto a teoria dos *clusters* de Bustos quanto uma revisão de certos aspectos da teoria de papéis, de Sergio Perazzo, uma concepção atual do conceito de protagonista, de Luís Falivene R. Alves, uma conceituação nova do teatro espontâneo e da psicoterapia psicodramática, de Moysés Aguiar, e uma descrição da teoria do núcleo do eu, de Rojas-Bermudez, por sua importância histórica no Brasil, escrita pelo próprio Zoli Figusch.

A terceira parte do livro é reservada às inovações técnicas do psicodrama brasileiro, e nela estão presentes o psicograma, a técnica de utilização de desenhos, desenvolvida por Luís Altenfelder, o genodrama, de Maria Amália Faller Vitale, a multiplicação dramática, retomada por Pedro Mascarenhas, o paciente *borderline* em psicodrama, por Rosa Cukier e Sonia Marmelztein, uma nova forma de calcular os índices de percepção, no teste sociométrico de Antonio Ferrara, e o vídeo-psicodrama e o tele-psicodrama de Ronaldo Pamplona da Costa.

Zoli encerra o livro com um apêndice do qual consta a relação completa, com os respectivos endereços e *e-mails*, das diversas instituições brasileiras de psicodrama, e com um quem é quem dos autores do livro, fazendo uma ponte com outros países.

Com tudo isso, fica evidente que a reunião feliz destes textos passa a ser uma obra de referência não só para os psicodramatistas estrangeiros como, também, para os brasileiros. Um livro de cabeceira para alunos, para psicodramatistas já formados, para professores e supervisores. Um livro histórico em todos os sentidos. Obrigado, Zoli, por esta rapsódia húngara com ritmo de samba.

Endereço do autor:
Rua Arthur de Azevedo, 1767 – Cj. 131
Pinheiros – São Paulo – SP
E-mail: serzzo@terra.com.br

